



PROJETO RE-HISTORIANDO VIDAS: ESTÁGIO EM PSICOLOGIA JURÍDICA E SEUS DESAFIOS NO SISTEMA PRISIONAL

*PROJECT RE-HISTORIAN LIVES: INTERNSHIP IN LEGAL PSYCHOLOGY AND ITS
CHALLENGES IN THE PRISON SYSTEM*

Bruna Annette Oliveira Alcântara Silva¹

Marianna Matos Santos²

Ivana Patrícia Almeida da Silva³

Resumo

Este artigo relata a realização do Projeto Re-Historiando vidas, na área da Psicologia Jurídica. O projeto foi desenvolvido ao longo de seis encontros no Presídio Nilton Gonçalves, no município de Vitória da Conquista, e teve como objetivo promover por meio do encontro com o grupo a reflexão a ressignificação das narrativas de vida dos internos do Módulo da Laborativa. Como estratégia metodológica foi utilizada uma adaptação da dinâmica da Árvore da Vida abrangendo temas que abordassem a vida como uma combinação das experiências passadas, das vivências do presente e dos objetivos e sonhos para o futuro. De modo geral, o projeto foi avaliada como satisfatório e relevante naquele espaço, uma vez que promovia a reflexão sobre os mais diversos temas, a interação grupal, auxiliava no descolamento dos sujeitos dos seus "problemas", trabalhava com a construção de projetos de vida com os internos, repensando as possibilidades, as dificuldades e os desejos dos participantes do grupo e contribuiu para a ressignificação das histórias de vida dos internos.

Palavras-chave: Psicologia jurídica; sistema prisional; ressignificação.

Abstract

This article reports the realization of the project Re-Historiando lives, in the area of legal psychology. The project was developed over six meetings at the Presidio Nilton Gonçalves, in the municipality of Vitoria da Conquista, and aimed to promote through the meeting with the group the reflection the ressignification of the life narratives of the interns of the Laborative module. As a methodological strategy, an adaptation of the dynamics of the Tree of life was used, encompassing themes that addressed life as a combination of past experiences, of the present and of the goals and dreams for the future. In general, the project was evaluated as satisfactory and relevant in that space, since it promoted the reflection on the most diverse themes, the group interaction, helped in the detachment of the subjects of their "problems", worked with the construction of Life projects with the interns, rethinking the possibilities, difficulties and desires of the group participants and contributed to the ressignification of the life histories of the interns.

Keywords: Legal psychology; prison system; resignifying.

¹ Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Tecnologias e Ciências - FTC. E-mail: annettebruna@hotmail.com

² Graduanda em Psicologia pela Faculdade de Tecnologias e Ciências - FTC e Pós-graduanda em Saúde Coletiva. E-mail: marimatos.santos@hotmail.com

³ Psicóloga. Doutoranda pelo Programa de Estudos Interdisciplinares sobre Mulheres, Gênero e Feminismo da Universidade Federal da Bahia. Docente da Faculdade de Tecnologia e Ciências – FTC. E-mail: ivanapatricia@yahoo.com

INTRODUÇÃO

Historicamente, as organizações carcerárias têm apresentado um significativo fracasso no seu objetivo principal: serem agências controladoras da criminalidade e ao mesmo tempo estarem encarregadas de reabilitar o sujeito para posterior reinserção social. As prisões têm sido ineficazes nos seus principais objetivos, corroborando ainda mais para o processo de marginalização dos sujeitos e na construção de uma identidade marcada pelo crime, pela delinquência (Rovinski; Cruz, 2009). Para Goffman (1974, *apud* Rovinski; Cruz, 2009), na prisão é estabelecida uma ruptura identitária do sujeito com o seu passado e com o meio externo, dando lugar a impessoalidade.

Percebendo as inúmeras violações de direitos humanos dentro da organização prisional, os profissionais que ali atuam necessitam atualizar constantemente suas ações, objetivos e suas propostas de intervenção, de modo a englobar o contexto político, jurídico, cultural, econômico e psicológico que envolve a situação de encarceramento. Em especial, a figura do psicólogo tem como incumbência social a produção de conhecimentos científicos e atuação de modo a transformar e/ou aperfeiçoar a condição de saúde dos internos, além de participar e estar sobretudo atento aos processos de discussão sobre a realidade do sistema prisional brasileiro e os impactos da prisão na vida de todos que estão ligados direta ou indiretamente a ela (Rovinski; Cruz, 2009).

A psicologia jurídica trabalha com os aspectos relacionados ao sistema de justiça e abrange não somente problemas decorrentes do processo em tribunal, mas também contextos e instituições atrelados, como o sistema prisional (Fonseca, 2006). Este campo de trabalho surgiu da necessidade de responder questões no que diz respeito ao comportamento humano de acordo com o contexto jurídico, inclusive requerendo novas contribuições do psicólogo (Lago *et al.*, 2009).

Diante da demanda, o objetivo do Projeto Re-Historiando Vidas é de promover por meio do encontro com o grupo a reflexão a ressignificação das narrativas de vida dos internos do Módulo da Laborativa do Presídio Nilton Gonçalves, no município de Vitória da Conquista, de modo que estes possam compreender a construção de suas narrativas individuais e sociais, por meio da linguagem, e a influência destas nas suas experiências de vida. A construção do grupo e das temáticas a serem trabalhadas tiveram como base a Terapia Narrativa que parte dos pressupostos que dizem que a vida dos sujeitos é multi-historiada e estes são especialistas em suas próprias vidas possuindo

valores, crenças e competências que são utilizados enquanto recursos para ajudar a reduzir a influência dos problemas em suas vidas. Problemas estes que são relacionados ao seu sistema de significados, individual e socialmente construídos, refletindo-se em práticas culturais opressivas e resultando em descrições de suas identidades saturadas de problema (Palma, 2008).

Todo este contexto pode favorecer o desenvolvimento de dificuldades para o sujeito em se tornar agente e autor da sua história (Palma, 2008). Diante disso, defende-se que os processos psicológicos são organizados de modo narrativo a partir da construção de sentido sobre a vida, o mundo, as relações processando-se por meio da construção e da desconstrução de histórias (Gonçalves & Henriques, 2002).

De acordo com Santos (2008) a prioridade na terapia narrativa é o olhar do sujeito sobre as suas próprias histórias. Para isso, é necessária a construção de um vínculo terapêutico que promova o desenvolvimento de uma conversa diferenciada que auxilie o sujeito a produzir sentido diante da sua realidade. Conforme Carrijo & Rasera (2010), o objetivo é separar linguisticamente a pessoa do seu problema. Para isso, o psicólogo busca produzir a “externalização do problema” pelo sujeito para que, posteriormente, este possa ser ressignificado.

DESCRIÇÃO DO DESENVOLVIMENTO DA INTERVENÇÃO

Inicialmente é importante relatar os desafios de adentrar em uma instituição prisional. É visível como a estrutura da instituição é rígida, burocrática e hierarquizada e de acordo com Lopes (2009), adentrar esse espaço e não perceber toda a lógica produzida em seu interior é um processo difícil.

A implementação do Projeto Re-Historiando Vidas foi acordado com a direção do Presídio Nilton Gonçalves e foi realizado com os internos do Módulo da Laborativa que é um módulo do regime semiaberto e que trabalha dentro e fora da área do presídio de segunda a sexta-feira. O trabalho ocorreu aos sábados com duração de duas horas e, ao todo, ocorreram 6 encontros com os internos. O grupo tinha uma média de 12 a 15 participantes, todos do sexo masculino, sendo que destes 5 eram fixos, ou seja, estavam presentes em todos momentos do grupo e os demais tinham participações flutuantes, ficando vez ou outra nos encontros.

Tendo como parâmetro a dinâmica da Árvore da Vida, proposta pela Teoria Narrativa, os conteúdos dos encontros foram previamente planejados, porém, os

assuntos emergentes no grupo também eram trabalhados. Esse trabalho consiste na abordagem da vida como uma combinação das experiências passadas, das vivências do presente e dos objetivos e sonhos para o futuro (Paschoal; Grandesso, 2014). Para Morgan (2007), todas as histórias afetam presente e futuro e são constitutivas da vida. Na grande maioria das vezes, percebeu-se que o grupo se ligava a temática proposta mesmo sem perceber. A dinâmica também foi adaptada ao grupo por conta das suas especificidades e consistia em trabalhar partes da árvore que faziam referência a um tema específico, sendo norteada por duas ou três perguntas.

O primeiro encontro foi destinado à apresentação do projeto e por questões institucionais não conseguimos adentrar ao pátio do módulo. Com isso, a apresentação das estagiárias, da Psicologia, do projeto e o convite foi realizada pela grade e apenas quatro internos se aproximaram para ouvir. Foram entregues alguns folhetos que continham o conteúdo daquela apresentação para que os internos pudessem ler posteriormente e elaborar se aquele grupo faria sentido para eles naquele momento.

O segundo encontro foi iniciado com uma apresentação das estagiárias e de todos os presentes no grupo e foi explicada a dinâmica da Árvore da Vida, sendo trabalhada naquele momento a parte do chão e das raízes que tinha como objetivo trabalhar forças e fraquezas, refletir naquele momento o que ou quem lhe dava suporte para sustentar as experiências vividas naquele espaço e o que os mantinha de pé diante de toda a situação. Temas como religião e família foram unânimes e concomitante a estes temas começaram a surgir a história de vida de cada um, assim como a questão do preconceito, tanto voltado à sociedade quanto à própria família. O preconceito da família foi um tema bastante abordado pois, segundo os participantes, este é o pior a ser vivenciado, uma vez que eles esperavam que a família fosse um lugar de conforto quando saírem do sistema prisional.

No terceiro encontro, por conta do tempo, foram trabalhadas duas partes da árvore que se complementavam, sendo elas o tronco, que fazia referência aos gostos pessoais de cada um, e os galhos, trabalhando sonhos e metas a fim de refletir sobre os projetos de vida, uma vez que os internos daquele módulo já estão no regime semiaberto e se preparando para a liberdade condicional. Surgiram temas como relacionamento e família novamente. No entanto, a partir desse encontro percebeu-se que o grupo não se sentia muito à vontade quando os temas eram diretamente direcionados.

Diante disso, no quarto encontro foi repensada a

forma de trabalhar a dinâmica, fazendo perguntas que faziam referência ao que foi planejado, porém de uma forma menos estruturada e direta. O resultado foi, sem dúvidas, impactante pois o grupo se mostrou mais aberto e percebeu-se que o vínculo foi fortalecido também. Neste encontro foi trabalhado as folhas e frutos da árvore que proporcionou que os internos falassem sobre questões significativas na vida deles, poderia ser conteúdo material ou afetivo. Os participantes falaram sobre os seus gostos pessoais, no entanto, o encontro voltou-se às demandas daquela semana e foi colocado pelos participantes questões como preconceito, estigma social, reclamações sobre a alimentação e a estrutura do presídio, sobre não ter voz dentro daquele espaço e a espera ser a única opção.

Uma das maiores reclamações era voltada ao tratamento que os internos da laborativa recebiam por não entenderem o motivo de não haver um tratamento diferente, uma vez que estão no regime semiaberto. Sobre a estrutura da instituição, Nascimento (2009) coloca que as instituições prisionais brasileiras em grande maioria são locais superlotados, com estrutura física e administrativa comprometidas, e a população carcerária sofre com os efeitos desse modelo de confinamento que é ineficaz, estigmatizador e facilitador da aprendizagem da criminalidade.

No quinto encontro foi finalizada a dinâmica da Árvore da Vida e foi trabalhada a parte das flores trazendo como discussões quais os aprendizados que os internos mais absorveram dentro da instituição e também na vida. Os participantes trouxeram que o maior aprendizado que tiveram dentro da instituição foi o de ponderar o que realmente valia a pena. Colocaram como exemplo a situação de fuga e disseram que pensar nesta possibilidade não valia a pena, pois as consequências seriam piores do que esperar a sua pena.

O sexto encontro foi destinado à finalização do grupo e aos feedbacks dados pelos participantes. Os internos colocaram que o grupo possibilitou a reflexão de muitas questões pessoais e coletivas, proporcionou uma maior interação entre aqueles que participavam e uma maior conhecimento sobre si e os outros participantes. Salientaram o quão importante foi o grupo, principalmente por trazer uma nova dinâmica para a semana, quebrando a rotina estabelecida. Um dos participantes colocou que a instituição prisional não tem a finalidade de ressocialização e que percebe o caráter punitivo desta e que projetos com este proporcionam momentos aos internos que a instituição deveria promover.

Segundo Hoffmann (2009), corrobora dizendo que mesmo com a introdução de técnicas

psicoterapêuticas e educacionais às instituições prisionais ainda se mostram ineficazes em seus objetivos de socialização e reinserção dos internos. O aprisionamento vem se constituindo até hoje como ferramenta crucial para o fenômeno da marginalização, e o infrator passa a ser percebido e tratado como “o criminoso, ou delinquente”. Todo esse processo só colabora para a construção de uma visão estereotipada acerca do sujeito que já teve uma experiência carcerária, como se este fosse marcado para o resto de sua vida por ter estado em uma instituição prisional.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A proposta do modelo prisional, diante da experiência concebida ao longo da execução do projeto, mostrou-se das mais diversas formas como um espaço punitivo, de construção de preconceitos, estigmas e violência, sendo estas questões pouco problematizadas dentro do espaço institucional, e muitas vezes não sendo sequer percebidas pelos indivíduos ali presentes, sejam eles internos ou funcionários, por passarem por um processo de naturalização.

Durante o desenvolvimento do Projeto Re-Historiando Vidas verificou-se o quão significativos foram os encontros ao proporcionar aos participantes um espaço de fala e escuta, de externalizar suas angústias, e de refletir acerca dos seus “problemas”, a fim de ressignificar suas experiências e construí-las de um modo diferente, se assim desejarem, no futuro.

O projeto teve o intuito de incentivar a interação grupal e a reflexão de experiências cotidianas dentro da instituição e fora dela, uma vez que estes passam boa parte da semana fora da instituição nas suas práticas laborais, fomentar o compartilhamento em grupo de vivências significativas, contribuir para a ressignificação das histórias de vida dos internos a partir do espaço de fala, e por fim, proporcionar o descolamento dos participantes dos seus “problemas” de modo a se perceberem para além das adversidades, promovendo a construção de novos sentidos. O ponto crucial do trabalho foi a reflexão e construção dos participantes acerca dos seus projetos de vida, repensando as possibilidades futuras, as dificuldades e os desejos quando retornarem à sociedade.

O grupo foi um espaço de aprendizagem para ambas as partes, tanto para os participantes quanto para as estagiárias que estiveram conduzindo o grupo, uma vez que proporcionou também para estas a quebra de antigos paradigmas acerca da instituição prisional e da população carcerária e a construção de novas visões acerca destes. De um modo geral, a experiência proporcionou a todos os participantes do grupo, internos

e as estagiárias, um espaço de reflexão dos seus paradigmas, crenças, percepções.

Referências

- Carrijo, R. S.; Rasesa, E. F. (2010). *Mudança em psicoterapia de grupo: reflexões a partir da terapia narrativa*. Rio de Janeiro.
- Fonseca, A. C.; et. al. (2006). *Psicologia forense*. Coimbra: Ed. Almedina.
- Gonçalves, M. M., & Henriques, M. R. (2002) *Terapia narrativa da ansiedade: Manual terapêutico para crianças e adolescentes* (2. ed.). Coimbra: Quarteto.
- Hoffmann, M. B. (2009). *Psicologia, Violência e Organizações Prisionais*. In: Rovinski, S. L. R.T; Cruz, R. M. (orgs.). *Psicologia Jurídica: Perspectivas Teóricas e Processos de Intervenção*. São Paulo: Vetor Editora.
- Lago, V. M., Amato, P., Teixeira, P. A., Rovinski, S. L. R., & Bandeira, D. R. (2009). *Um breve histórico da psicologia jurídica no Brasil e seus campos de atuação*. Estudos de Psicologia (Campinas), 26(4), 483-491.
- Lopes, R. (2009). *Prisões Femininas: Um Espaço Diferente?*. In: Rovinski, S. L. R.T; Cruz, R. M. (orgs.). *Psicologia Jurídica: Perspectivas Teóricas e Processos de Intervenção*. São Paulo: Vetor Editora.
- Morgan, A. (2007). *O que é Terapia Narrativa?: uma introdução de fácil leitura*. Brum, C. (trad). Porto Alegre: Centro de Estudos e Práticas Narrativas.
- Nascimento, D. M. (2009). *Psicologia e Sistema Prisional: Alguns Apontamentos*. In: Rovinski, S. L. R.T; Cruz, R. M. (orgs.). *Psicologia Jurídica: Perspectivas Teóricas e Processos de Intervenção*. São Paulo: Vetor Editora.
- Palma, F. G. (2008). *Terapia narrativa*. In Ideias Sistêmicas - Caderno do CEFAL, V(5).
- Paschoal, V. N.; Grandesso, M. (2014). *O Uso de Metáforas em Terapia Narrativa: Facilitando a Construção de Novos Significados*. Nova Perspectiva Sistêmica, Rio de Janeiro, n. 48, p. 24-43.
- Santos, M. A. C. (2008). *A mudança narrativa no processo terapêutico de reautoria* (Tese de doutorado). Universidade do Minho, Braga.